

Armas na escola: que fazer?

Raymundo de Lima*

CRIANÇAS ARMADAS NAS ESCOLAS



Um aluno portava um revólver na sala de aula de uma escola de Maringá (*O Diário*, 30/07/2010). Ele pegou arma do pai, sem que este soubesse, para se proteger de garotos que o intimidavam. Trata-se de um caso isolado ou é hora de a escola tomar medidas preventivas? Semanas antes, tiros foram disparados dentro de uma faculdade da mesma cidade. O autor dos disparos está preso, e a faculdade tenta apagar as marcas com publicidade positiva na TV. Campo Mourão, cidade a cerca de uma hora de Maringá, duas meninas foram mortas e enterradas na escola.

Um rápido levantamento na internet podemos perceber o aumento de casos de armas em escola pública ou particular, no Brasil. Há casos de crianças de 9 anos com revólver na mochila, mas a arma mais comum nas escolas é o canivete, revela a pesquisa coordenada por Miriam Abramovay, em 2003, em cinco capitais (Belém, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Distrito Federal).

Segundo esta pesquisa, 35% dos alunos (cerca de 585 mil estudantes) e 29% dos adultos já viram algum tipo de arma na escola. As armas brancas (facas, canivetes, punhais, etc.) são as mais comuns. Constatou-se que 12% dos estudantes, mais de 204 mil, já viram um revólver no colégio. Esse número aumenta em cidades como Foz de Iguaçu, Paraná, possivelmente pelo fácil acesso a armas contrabandeadas do Paraguai.

Os motivos para o uso de arma na escola vão desde autoproteção de *bullying* (intimidação), até ligação com narcotráfico local. Infelizmente a escola hoje deixou de ser um lugar seguro para o exercício do ensino e da aprendizagem.

Segundo Jean-François Mattei a barbárie já se instalou na escola, tanto pela presença de objetos fabricados para violência como pelo despreparo dos professores e gestores das escolas no sentido da prevenção às agressões, roubos de computadores e carros, depredações dos prédios, assaltos de alunos, professores e funcionários, ameaças, incivilidades, principalmente contra professores, e até estupros. Existe uma associação entre as drogas, principalmente o crack e a violência dentro e nos arredores das escolas. Os sintomas e efeitos danosos do crack estão cada vez mais visíveis que este assunto hoje faz parte da agenda do debate político dos candidatos para gestores das escolas e universidades e

governos dos estados nas eleições de 2010.

Contudo, os fatores que levam à violência ‘na’ e ‘contra’ a escola desafiam os gestores a pensar saídas para o seguinte dilema: a escola deve ou não se abrir à comunidade? Ou ela deve permanecer um “lugar à parte”, isto é, ela deve “fechar” aos fatos da sociedade, onde a violência é um “fato de barbárie”, e a escola é um “fato de razão”? (MATTEI, 2002). A escola tem o poder de prevenir a violência por meios estritamente pedagógicos, ou ela necessita de outros mecanismos para além do pedagógico?

Discutindo a prevenção da violência na escola

Por estes motivos a direção da escola não pode ignorar esta nova realidade, mas sim, cabe ao gestor escolar elaborar programas de prevenção voltados para sua segurança e facilitação do trabalho docente. Não é muito, mas é um ato preventivo imprescindível. Pior é se omitir ou fazer de conta que armas na escola só ocorrem em outros estabelecimentos.

Os pais também devem ser convocados como parceiros da segurança nas escolas e universidades. Filhos de pais negligentes e permissivos, que hoje ultrapassam 50% no Paraná, merecem maior atenção da comunidade escolar, porque sua desresponsabilidade causa danos aos filhos.

Porque a negligência e permissividade destes pais facilitam o acesso de crianças, além das armas de fogo, também à detergentes, remédios, frasco de álcool, bebidas, etc. Cresce o número de crianças e adolescentes dependentes de bebidas alcoólicas, ingeridas na ausência dos responsáveis. Plantonistas dos hospitais de algumas cidades brasileiras declaram-se alarmados com

o crescente número de crianças atendidas com queimaduras, intoxicações, ferimentos, todos decorrentes de acidentes que implicam a falta de responsabilidade dos pais. Também vem aumentando o número de pais que se esquecem a criança no carro fechado, correndo risco de morte por asfixia.

Educação de pais

Como educar os pais para serem preventivos? E quem irá educar estes pais?

Na França hoje existe curso para educar pais. É imperioso educar pais e filhos para o desenvolvimento de uma cultura da paz. Os Estados Unidos, país que acha natural portar armas e sempre está envolvido em guerras, os pais educam os filhos para a violência. Provavelmente esta é a principal causa porque os EUA enfrentam uma epidemia de atos *amoks* (jovens matando pessoas em colégios e universidades). A maioria diz ter cometido tais crimes como reação explosiva ao *bullying* e assédio moral e sexual dentro e fora da escola.

Precisamos repensar a escola – e as universidades – em tempos de insegurança. As Patrulhas Escolares fazem um bom trabalho, mas sozinha é insuficiente. Também não basta tomar medidas preventivas improvisadas, baseadas no senso comum ou no calor da época das eleições.

Cerca de 80% das escolas norte-americanas realizam revistas de alunos na entrada e inspeções surpresa dentro da escola. Por que não fazer o mesmo nas nossas escolas com alunos suspeitos? Por que não estabelecer laços mais estreitos entre escola, pais e Patrulha Escolar? Por que não instalar sistema eletrônico de segurança nas entradas e saídas das escolas e

universidades? Por que não treinar alunos, professores e funcionários para lidar com situações de violência física e psicológica, como vem acontecendo na Europa e em alguns estados norte-americanos? Ou precisa piorar mais um pouco?

Referências

ABRAMOVAY, M. *Armas: símbolos de violência no cotidiano escolar*. Disponível em: http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com_content&view=section&layout=blog&id=5&Itemid=2. Acesso em: 05/09/2010.

MATTEI, J-F. *A barbárie interior: o ensaio sobre o i-mundo moderno*. São Paulo: Unesp, 2002.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação (USP) e professor do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM).